

Marly Vianna: uma experiência de luta e Clandestinidade além das fronteiras

Introdução e condução da entrevista por

Angela Roberti (UERJ/UNIGRANRIO)

Erica Sarmiento (UERJ/UNIVERSO)

Resumo: Esta entrevista da historiadora Marly de Almeida Gomes Vianna constitui-se em uma construção narrativa de sua experiência de luta e clandestinidade ao longo dos anos da ditadura civil-militar no Brasil. Trata-se de um relato objetivo e comovedor sobre uma atuação política corajosa e decisiva no Brasil e no exterior, empreendida sempre em circunstâncias difíceis tanto pela ameaça constante da perseguição quanto pelas condições precárias advindas da clandestinidade. O afastamento do país, da família, em especial dos filhos, dos amigos, impôs à entrevistada toda uma experiência de superação de limites, na qual estiveram implicadas rupturas, angústias, medo, perdas, estranhamentos. Nossa opção foi deixar fluir a narrativa, explorando a memória oral de Marly Vianna, que aqui emerge como mediação entre diferentes gerações e testemunhas do passado.

PALAVRAS-CHAVE: Ditadura civil-militar – Luta e resistência – Clandestinidade.

Abstract: This interview by the historian Marly de Almeida Gomes Vianna constitutes a narrative construction of his experience of struggle and clandestinity throughout the years of the civil-military dictatorship in Brazil. It is an objective and moving account of courageous and decisive political action in Brazil and abroad, always undertaken in difficult circumstances both by the constant threat of persecution and by the precarious conditions of clandestinity. The removal of the country, the family, especially the children, the friends, imposed on the interviewee a whole experience of overcoming limits, which involved ruptures, anguish, fear, loss, estrangement. Our choice was to let the narrative flow, exploring the oral memory of Marly Vianna, who here emerges as mediation between different generations and witnesses of the past.

KEYWORDS: Civil-military dictatorship - Fight and resistance - Clandestinity.

Quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstruir comportamentos e sensibilidades de uma época!

Ecléa BOSI

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti e Érica Sarmiento*

Introdução

Na entrevista que se segue, a historiadora Marly de Almeida Gomes Vianna, referência nos estudos sobre história do Partido Comunista Brasileiro e pensamento de esquerda no Brasil, com destaque para os temas que envolvem partidos políticos, movimentos sociais, socialismo e anarquismo, narra às professoras Angela Roberti e Érica Sarmiento, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a respeito dos seus itinerários políticos durante a ditadura civil-militar no país.

Formada professora pelo Instituto de Educação, ainda jovem, mas já casada e com filhos, Marly Vianna ingressou na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) da Universidade do Brasil, em 1961, para cursar História naquela que entre 1960 e 1964, “...foi uma espécie de ‘escalão avançado do movimento estudantil’, sendo vista como a mais politizada das universidades brasileiras.

Tão logo ingressou na FNFfi, Marly filiou-se ao Partido Comunista (PC), ascendendo, rapidamente, ao comitê universitário e exercendo uma militância ativa e intensa nos anos iniciais da década de 1960. E mesmo quando houve o golpe civil-militar, em 1964, a então universitária ainda conseguiu manter-se na legalidade por mais algum tempo, a despeito do seu envolvimento nas lutas de resistência e protesto de rua contra a ditadura militar.

Em 1965, no entanto, quando foi uma das organizadoras da “vaia ao Castelo Branco”, uma manifestação de protesto que aconteceria na aula inaugural da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na Ilha do Fundão, Marly passou a ser investigada e procurada pela polícia, tendo, inclusive, seu rosto estampado na primeira página do jornal *O Globo*, com a indicação de “procura-se”.

Na clandestinidade, a partir de então, Marly Vianna acabou saindo do país e passou dois anos estudando em Moscou, entre 1965 e 1967. Apesar de ser obrigada a deixar o país e viver no exterior, mais de uma vez, Marly nunca deixou de alimentar a ideia do retorno; nunca se sentiu uma exilada, pois “...sempre estive em função do Brasil”.

Ao fim desse primeiro período passado em Moscou, arriscando-se, voltou ao Brasil e foi trabalhar junto à direção do Partido, em uma posição de retaguarda. A partir de 1968, com a promulgação do AI5, a clandestinidade tornou-se cada vez maior e para um número crescente de pessoas, com Marly vivendo situações arriscadas na vida política.

Em 1970, ainda na clandestinidade, diante da iminência de ser descoberta e presa, Marly mudou-se para a cidade de São Paulo; na verdade, ficava quinze dias na capital paulista e outros quinze no Rio de Janeiro, transitando pela rodovia Presidente Dutra

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti e Érica Sarmiento*

entre a noite e a madrugada. Ela foi membro do PCB de 1961 a 1979 e do secretariado do Comitê Central do partido entre 1976 e 1979.

Foi na época de sua estada em São Paulo, mais precisamente entre 1972 e 1974, que Marly ficou responsável pela guarda e preservação do arquivo de Astrojildo Pereira,¹ um acervo que reúne coleções de jornais, materiais de congressos, boletins, folhetos, panfletos, correspondências entre outros, relativos aos primeiros tempos dos movimentos operário, anarquista e sindical e, depois da fundação do Partido Comunista Brasileiro, documentos político-partidários.²

Marly recebeu a tarefa de Orlando Bonfim Júnior, membro do Comitê Central da Comissão Executiva do PC e responsável, à época, pelo jornal do partido, *Voz Operária*.³ Diante do aumento da perseguição, repressão e desaparecimento de diversos companheiros da direção do partido, era imperioso tirar o arquivo da sede em que se encontrava e colocá-lo em local seguro. José de Albuquerque Salles, então companheiro de Marly e também membro do PC, conseguiu um lugar mais seguro para o arquivo, no qual a documentação permaneceu por cerca de dois anos. Durante esse período Marly tentou organizar o acervo, descobrindo documentos preciosos da memória operária do país.

Em 1974, quando os dirigentes do partido começaram “a cair” e a segurança de Marly e outros camaradas tornou-se cada vez mais difícil, uma verdadeira operação foi feita para transferir o arquivo de Astrojildo Pereira para o Rio de Janeiro, onde ficou sob a guarda de outra companheira por quase dois anos.

Passado esse tempo, Marly já estava novamente em Moscou, fugindo das garras da ditadura que se tornava cada vez mais implacável. Foi nessa época que Luis Carlos Prestes contou-lhe do interesse de José Luiz Del Roio, que então trabalhava na Fundação Feltrinelli, na Itália, de levar o arquivo para a cidade Milão. Sob a liderança de Marly, foi tomada a decisão coletiva de retirar o arquivo do país e levá-lo a Milão com o propósito de protegê-lo e salvaguardá-lo definitivamente.

Mais uma vez, o trabalho heroico e silencioso de uma terceira mulher permitiu a saída do arquivo do país.⁴ Em Milão, o arquivo foi tratado e acondicionado devidamente, retornando mais tarde ao Brasil e sendo acolhido pelo Centro de Documentação e Memória (CEDEM), da Universidade Estadual Paulista (UNESP).⁵

A opção de Marly Vianna por uma vida militante, marcada pela clandestinidade e por deslocamentos, repleta de risco e coragem, de ameaça e determinação, tanto na defesa dos seus ideais quanto no combate à ditadura civil-militar, é o que abordamos na entrevista que se segue.⁶ A ela, as entrevistadoras rendem homenagens. Ao leitor, convidam-no à leitura.

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti e Érica Sarmiento*

* * *

AR: Então Marly, gostaríamos que você começasse falando um pouco a respeito da sua formação acadêmica.

MV: Acadêmica. E segundo grau entra também?

AR: É, pode ser.

MV: Eu fiz Instituto de Educação, me formei na Escola Normal, em 1956, e só fui para a universidade em 1961. Eu fiz a antiga Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) da Universidade do Brasil.⁷ Fiz o primeiro ano e em sessenta e dois eu tive que trancar porque o horário da faculdade coincidiu com o meu horário de trabalho e não deu jeito de cursar. Quando, em 1963, eu voltei para o segundo ano, fui colega do Ciro Flamarion⁸, porque ele entrou em sessenta e dois... Então em sessenta e três nós fomos colegas do segundo ano de universidade.

No final de 1963, a situação política estava muito conturbada por aqui. A faculdade fechou por causa de uma série de eventos e em sessenta e quatro, com o golpe, era impossível continuar, a faculdade estava patrulhada pela direita. Houve o processo da Filosofia, eu tentei trancar matrícula, Eremildo⁹ não me concedeu o trancamento, não me deu transferência, não me deu nada... então, eu tive que abandonar a faculdade. Continuei trabalhando, eu trabalhava numa escola em Ramos, bairro da região da Leopoldina, na cidade do Rio de Janeiro.

Quando veio o golpe, a faculdade já tinha ficado fechada por conta dos eventos do ano anterior. Foi o seguinte: a colação de grau na faculdade era sempre conjunta, o paraninfo era um só. Mas, naquele ano, como as coisas estavam muito exacerbadas, a turma de jornalismo resolveu colar grau em separado. Nosso paraninfo era o Anísio Teixeira e eles chamaram o Carlos Lacerda. Então, resolvemos que o Lacerda ali não iria entrar. Um grupo de estudantes entrou na faculdade, num cochilo do DOPS¹⁰ que rondava por lá, e trancou-a. Chegou o Lacerda, chegaram as famílias do pessoal de jornalismo. As senhoras, todas chiques, gritavam os maiores palavrões para os alunos que estavam na varanda da faculdade – era onde é hoje a Casa di Itália¹¹, no início da Av. Presidente Antônio Carlos, no centro do Rio. Então, os alunos que estavam dentro do prédio, muitos deles do CPC da UNE¹², fizeram uma música maravilhosa. Um deles gritava “Ao Lacerda tudo ou nada?” E o coro: “HU!!!!!!!” Uma tremenda vaia. E aí a música começava: “Só com vestibular!, só com vestibular, só com vestibular que o Lacerda pode entrar! (breque) E se passar! só com vestibular, só com vestibular que o Lacerda pode entrar!” Lacerda trouxe o Clube da Lanterna, trouxe todas as mal-amadas, trouxe toda a reação. Comeu 30 cachos de banana, fez discurso para bacana, mas o povo disse NÃO! Queixou-se à embaixada americana, isso é coisa de Havana, de Pequim ou de Moscou, e o povo que apoiava

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti e Érica Sarmiento*

os estudantes só gritava a todo instante; “Não entrava e não entrou! Só com vestibular.... E se passar!”

Lacerda não entrou, mas a Polícia do Exército, que foi chamada, levou embora o Lacerda, dispersou o DOPS, os convidados e os estudantes – tranquilamente – mas fechou a faculdade. Foi no dia 30 de dezembro de 1963. A faculdade foi fechada e não abriu até o golpe. E os golpistas pegaram lá dentro uma quantidade de documentos do partido, que serviram de base para o processo contra nós.

Então, eu só fui voltar para faculdade depois da anistia. Eu cheguei aqui, da segunda ida ao exterior, em setembro de setenta e nove (1979). A primeira coisa que eu fiz foi um requerimento para voltar para a faculdade. Consegui voltar, mas foi uma confusão, porque, naquela época, o sistema era anual, não tinha isso de créditos, pré-requisitos e optativas. Eu tinha passado para o terceiro ano, tive que cumprir mil exigências novas, mas eu consegui me formar no final de 1981. O problema é quando eu vou preencher qualquer pedido de bolsa para o CNPq, para qualquer instituição... Ano de entrada na faculdade: 1961; ano em que se formou: 1981... Eu boto um asterisco e explico o que aconteceu. Vinte anos de universidade (risos), realmente é muita coisa.

Quando terminei a faculdade, eu fiz logo o concurso para mestrado no IFCS¹³, queria trabalhar em história agrária, com Maria Yeda¹⁴ e com o Ciro. Existia um grupo de História Agrária, do qual o Chico Carlos¹⁵ participava, ele estava fazendo doutorado. Havia outra, mestranda da Maria Yeda, que tinha trabalhado sobre o arroz no interior de Goiás. A ideia era trabalhar com a agricultura no interior, já que o litoral era bem mais conhecido. O Chico Carlos ia trabalhar com o Vale do Paraíba fluminense e eu estava pensando em trabalhar também em História Agrária. No primeiro semestre de 1985 eu cursei o mestrado aqui, na UFRJ, e meu marido tinha ido para Campina Grande, na Paraíba, como professor convidado, depois fez concurso para lá e ficou. No meio do ano, a gente soube que ia abrir concurso de História para lá, então eu fui, passei no primeiro lugar, e consegui transferir o meu mestrado de História Agrária daqui para Economia Agrária lá e eles aceitaram que o Ciro Flamarion fosse meu orientador. Então meu mestrado foi na Federal da Paraíba, em Campina Grande e em História Agrária. Terminei em 1985 e, em 1987, consegui licença para sair para o doutorado na USP, onde fui aceita. Eu fiquei em Campina Grande ainda quase todo o primeiro semestre de 1987, para terminar o semestre anterior, prejudicado por uma greve. Só comecei a fazer o curso na USP no primeiro semestre de 1988, morando em São Carlos desde abril de 1987.

Eu ia continuar o Doutorado com História Agrária. Eu tinha feito na Paraíba, então, queria trabalhar agora no Vale do Paraíba paulista. Ia fazer com o professor Jobson Arruda, mas o Jobson não tinha mais vaga e quem me orientou foi uma professora

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti e Érica Sarmiento*

de História da América, Inês Garbuio Peralta. Eu tinha pressa em terminar o doutorado e Inez me disse "Você vai trabalhar com História Agrária nessa região, você vai ter que ir em tudo que é cidadezinha, trabalhar com documentos dispersos e muitas vezes em escrita paleográfica, vai demorar! Não há outro tema que lhe interesse?" Foi aí que mudei o tema para estudar as rebeliões de novembro de 1935. Defendi em novembro de 1990.

No segundo semestre de 1988, vim para o Rio de Janeiro e fiquei trabalhando na pesquisa, no Arquivo Nacional todos os dias, depois em Brasília. Neste meio tempo, abriu um concurso para uma vaga em Economia em São Carlos e eu tinha mestrado em economia, então eu me candidatei, passei no primeiro lugar e fiquei na UFSCar¹⁶. Dei aula um tempo em Economia e logo passei para História, embora continuando a dar disciplinas também em Economia para o campus. Ao mesmo tempo, saiu a minha transferência, que eu havia pedido antes do concurso, para o Rio de Janeiro. Mas, não só o reitor me chamou, mostrando que eu deveria ficar em São Carlos, como eu já não tinha muito interesse no Rio, pois meu marido estava em São Carlos desde 1986, quando fez concurso para lá. Eu me aposentei em 1996, mas fiquei em São Carlos até meu marido cair na compulsória, em 2002. Fiquei dando aulas na Pós (mestrado e doutorado), orientando etc. Aposentado só não pode dar aula na graduação. E trabalhava também à noite numa instituição particular.

Ainda estava em São Carlos quando viemos a um Simpósio da ANPUH¹⁷, que foi na UFF, quase com certeza em 2001. Houve uma homenagem a Maria Yeda, o Falcon falou... E lá estava a Filomena Gebran, que eu conhecera quando terminava o curso no IFCS. Ela coordenava o mestrado em Vassouras, na Severino Sombra, e quando fui falar com ela sobre a possibilidade de eu ir trabalhar lá, ela disse ter o maior interesse nisso e comecei a trabalhar lá no início de 2002 até o final de 2004, quando fomos despedidos.... Fizemos um bom trabalho lá no mestrado e chegamos a ter mais de 60 candidatos. Mas houve uma briga interna que dividiu o mestrado – não há o menor interesse em ficar falando sobre ela. De um lado, ficamos Maria Yeda Linhares, Falcon, eu, Lincoln Pena, Márcia Amantino e Jorge Prata. Do outro, a Filomena Gebran, Ana Moura, Miridan Knox, Assunção, Claudia (não lembro o sobrenome), um que estava lá há pouco tempo, acho que João Jorge, e Surama, que o Lincoln havia feito o maior esforço para levar para lá. Eles pediram ao reitor a nossa demissão, que foi aceita, embora tivéssemos mais da metade dos orientandos. A Severino Sombra já não tinha muito interesse no mestrado, que considerava um luxo. Saímos os seis e não demorou muito para o mestrado de lá fechar. O forte de lá é a Medicina. Nós dávamos aula na graduação de noite e, pela manhã, no dia seguinte, dávamos aula na pós. Quando fomos demitidos os seis, a Márcia Amantino, que já trabalhava aqui, coordenando o curso de graduação em São Gonçalo, disse que havia interesse da Universidade em formar um Mestrado aqui e aí

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti* e *Érica Sarmiento*

viemos os seis para cá.¹⁸

ES: Então, e em relação a sua trajetória política?

MV: Eu entrei para o partido em 1961, quando eu entrei para universidade. Foi simultâneo, eu entrei para a universidade e entrei para o partido. E tinha bastante militância, eu era secretária de finanças da base da Filosofia, eu fazia muita finança, quer dizer, arrecadava dinheiro para o partido e entre os funcionários do partido... Não tinha muito sentido... Depois, em meados do ano, fui eleita para o Comitê Universitário e fiquei como secretária de organização. Durante todo o ano de 1964, mantive a legalidade, mesmo já tendo sido detida duas vezes. Só em 1965 tive que ir para a clandestinidade. Enquanto pude, continuei trabalhando.

AR: Você não chegou a ser presa, então?

MV: Não

AR: Nenhuma vez você foi presa?

MV: Fui detida três vezes. Uma em outubro de 1961 e duas em 1964. Em 1961, foi na crise do Jânio. Nós estávamos distribuindo panfletos que diziam mais ou menos: "Prestes exige a legalidade, posse ao vice-presidente!" E todos os dias em que durou o impasse – da renúncia dia 25 de agosto até a votação do parlamentarismo, acho que a 1º de setembro -, nós da Filosofia íamos para a Cinelândia exigir a posse de Jango. A detenção, entre esses dias, não me lembro mais qual, foi porque eu tinha em casa folhetos a serem distribuídos e o rapaz que ia pegar foi preso antes com meu endereço. A polícia bateu em casa, revistou tudo, levou os folhetos – não podiam contestá-los, afinal eram pela legalidade! – minha coleção de *Novos Rumos*, o jornal do partido e dois livros: *O Estado e a Revolução*, de Lenin, e *Os oradores da Revolução Francesa...* Me levaram para o DOPS, fiquei algum tempo e me mandaram embora logo.

A segunda vez foi no último dia do ato Institucional - como seria um só, não tinha número -, dia 11 de outubro de 1964. Quem me recebeu foi um delegado chamado Jorge Marques – aliás, das duas vezes em que fui detida em 1964. Ele foi muito correto e eu não sabia, depois da anistia, como encontrá-lo. Lendo o livro *Gracias a la vida*, do Cid Benjamin, eu vi que ele também menciona, agradecido, o Dr. Jorge Marques e fiquei sabendo que estava trabalhando na 14ª, no Leblon, fui até lá, mas ninguém sabia dele. Não devia ser muito mais velho que eu.

A polícia foi me pegar na escola, lá em Ramos. Chegando ao DOPS, o delegado me disse assim: "Vamos fazer o seguinte, eu vou mandar-lhe ali identificar e a senhora vai embora" E eu: "Identificar o que? Tirar digital essas coisas? Vou nada". Aí ele disse: "Eu acho melhor a senhora ir". Muito educado, uma pessoa finíssima.

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti e Érica Sarmiento*

“...melhor a senhora ir, sabe por quê? Porque o Borer, que é o delegado titular, não está aqui agora.. - era véspera da chegada do De Gaulle ao Brasil - e ele está cuidando da chegada do De Gaulle, é melhor a senhora ir, porque eu lhe mando embora antes do Borer chegar”. Eu fui, fotografada – foi a foto que em 1965 saiu na primeira página de *O Globo*. E depois, ele me mandou embora.

A outra detenção foi em novembro, 27 de novembro de 1964. Outra vez foram me pegar na escola. Cheguei ao DOPS, estava o Dr. Jorge Marques. Mal eu chego, entrou o major Boneker: “É essa a moça? Pode recolher” e saiu. Aí o Dr. Jorge me disse “Vou lhe mandar para a PE.” Naquela época era melhor ser presa na PE do que no DOPS, “A senhora tem identidade militar, isso ajuda.” E lá fui eu pra PE, cheguei lá fiquei...

AR: Na Tijuca né?

MV: É... na rua Barão Mesquita.¹⁹ Cheguei lá, fiquei com um tenente tomando conta, e estavam o Sérgio Paranhos Fleury, um tal de Solimar... eram três. E aí, enquanto eu esperava ser chamada para o interrogatório, o Fleury começou a fazer provocação. Começou a me dizer assim: “Quando a senhora saiu da OB da filosofia, (Organização de Base) o quê a senhora fez que nós perdemos sua pista?” Eu disse: “Se o senhor me explicar o que é OB da filosofia eu posso lhe responder.” Ele entrou em fúria, pegou um papel e disse pro tenente assim “Eu vou fazer 10 perguntas e vou botar resposta que ela vai dar, é escolada!” E para mim: “Vou lhe levar pro CENIMAR e ver se a senhora fala ou não fala.” Mas o tenente o mandou embora, disse que não tinha nada a ver com a jurisdição deles ali, que a deles era o CENIMAR e eles foram embora. E eu fui interrogada pelo coronel Vianna Moog, que acabou descobrindo que era meu primo, do ramo do Rio Grande do Sul. Fui acareada com dois estudantes que haviam citado meu nome. Um era da Filosofia, que tinha saído do partido e ido para a luta armada. Estava branco! Eu disse para o Viana Mugg: “Vocês o obrigaram a falar isso?” ele: “A senhora está dizendo que o torturamos?” Eu digo: “Eu não sei como é que ele foi falar uma mentira dessa, se não foi torturado, mas se não foi, desculpe.” Chegou outro, de uma base de Campo Grande, de uma universidade que havíamos começado a ter contato, ele me olhou e disse “Não é essa não.” O Vianna Moog me disse: “Empatou. Vou lhe soltar, mas a senhora não saia, não mude de endereço nem saia do país”.

E continuei trabalhando, vida normal, até março de 1965. Dia 15 de março haveria a inauguração do Fundão, com a presença do Castelo Branco. Então, nós organizamos a primeira grande manifestação contra a ditadura. Se vocês quiserem ver os jornais de dezesseis de março de sessenta e cinco (1965), ou mesmo do dia 15, não me lembro, vocês verão as fotos da repressão. Organizamos assim: primeiro, todo mundo ia de luto e mordança e dividimos as outras tarefas: a Química ia fazer

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti e Érica Sarmiento*

fedor - vocês não são da época do fedor não, né? Olha, o maior mal cheiro que vocês podem imaginar! eram umas ampolinhas com... acho que ácido sulfúrico, não sei o quê. Espalhávamos as ampolas pelo chão, como ampola de injeção, quebra fácil, e quando aquilo estourava, era um fedor, (risos) não tinha quem aguentasse. A Química ficou encarregada de fazer o fedor. Nós fizemos finanças, compramos um macaco que custou trinta contos naquela época e o macaco ficou por conta da Medicina. Fizemos uma faixa de presidente, o macaco ia ser largado lá com a faixa quando o Castelo Branco entrasse. Só que aconteceu com o macaco o que às vezes acontece com as pessoas, quanto mais tranquilizante tomava, mais agitado ficava (risos) e o macaco fugiu, não teve macaco, mas o mais teve de tudo. E aí, nesse dia... porque eu era professora primária e o salário de professora primária era ridículo. Eu procurei outro trabalho e, com ajuda da Clotilde Prestes, consegui trabalhar no Boletim que o Consulado Soviético organizava. E que era uma maravilha, porque eles pagavam muito bem, era um jornalzinho que eles tinham.

Era na rua São Clemente, hoje é uma loja de carros.²⁰ O Consulado ficava na frente, havia um corredor lateral, do lado direito e, nos fundos, uma sala grande, onde funcionava o boletim. Nosso trabalho era ouvir a rádio Moscou, selecionar o que nós achávamos interessante, traduzir, porque era uma transmissão em espanhol. O que selecionássemos publicavam no boletim que eles tinham lá. E pagavam um dinheirão cada página traduzida, mesmo que você tivesse duas páginas e uma tivesse duas linhas. Eram duas páginas, uma maravilha. Nunca recebi tanto dinheiro na minha vida (risos)... Até acontecer um negócio engraçado. Eu fui trabalhar lá em meados de 1964 e acho que o décimo terceiro salário foi desse ano, ou melhor, do final de 1963, foi o Jango. E recebia-se proporcional ao tempo trabalhado. Lá trabalhávamos eu, uma moça e um chofer. Eu tinha que trabalhar sete ou oito horas por dia, no horário que quisesse. Em dezembro, falei com o russo encarregado do boletim, sobre o décimo terceiro e ele perguntou: “Não, que décimo terceiro? Não sei de nada!” Eu então peguei uma cartolina e coleí uma manchete que tinha saído no jornal, ela dizia assim "Trabalhadores entram em greve pelo décimo terceiro salário". E eu acrescentei: trabalhadores do boletim entram em greve... e coleí lá na nossa porta. Neste dia mesmo, nós recebemos o décimo terceiro integral... E eu estava lá só há seis meses...

ENTREVISTADORAS: (risos)

MV: Voltando a março de 1965, aquele dia 15, da manifestação contra o Castelo Branco – acho que foi a primeira!. Nesse dia eu não tinha ido à Escola. Eu já saíra de Ramos e fui transferida para uma escola na Rocinha, a Escolinha do Solar, que não existe mais. Estávamos em período de matrícula e como no dia seguinte começava uma reunião do Comitê Universitário, de três dias, eu combinei com a diretora da escola dela me dar esses três dias e depois eu trabalharia três dias em tempo integral

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti* e *Érica Sarmiento*

– nosso trabalho era de meio expediente. Ela concordou e foi bom porque a polícia foi para lá me procurar por causa da manifestação contra o Castelo Branco. Nesse dia 15, eu não tinha ido então para a escola e iria para o Consulado. Antes, passei em casa de minha mãe, com quem moravam meus filhos; E eu precisava dar vários telefonemas convocando para a reunião e minha mãe não tinha telefone ainda. Ela morava onde eu havia morado e era o endereço meu que a polícia tinha. Eu telefonava de um bar, na esquina da Rainha Guilhermina com a Ataulfo de Paiva, onde depois foi o Curso London. Era um bar e eu sempre telefonava desse bar, mas era um inferno, porque naquela época esse negócio de ficar falando gracinha para mulher era uma coisa horrível. Aí eu pedi a meu irmão para ir comigo e ele disse: "Só se esperar eu tomar banho". Fiquei esperando e, enquanto isso, minha mãe e minha irmã saíram para fazer compras. O que aconteceu foi que eu cheguei, a polícia chegou depois e quando saíram as duas e a polícia pensou que a minha irmã fosse eu, saíram atrás da minha irmã. Foi um policial atrás dela. Quando saí com meu irmão para telefonar, estava tudo tranquilo. Minha irmã não se deu conta que estava sendo seguida. Foi a pé para casa. Ela morava lá na Visconde de Albuquerque com Garcia D'Ávila. Quando ela entrou no edifício -, você veja os detalhes, tem que prestar atenção, principalmente na clandestinidade - quando ela entrou, viu que vinha alguém entrando rapidamente e segurou a porta do elevador para ele, que entrou e não agradeceu, foi isso que chamou a atenção dela. Chegando em casa - ela era casada com o Leandro Konder -, falou para o Leandro: "Eu acho que eu fui seguida". Leandro abriu a porta de repente e estava o senhor lá na porta, que disse: "Ah queria falar com Dona Marly". Leandro respondeu: "Ela não mora aqui não". E o cidadão voltou correndo para o Leblon, mas aí já não me pegou mais. E o carro da polícia agora ostensivamente na porta. E meu irmão foi me avisar no Consulado: "A polícia está lá na porta e o Gazaneo mandou avisar que soube que agora a situação é séria, pra você sumir". Ficaram um tempão estacionados lá na porta da minha mãe. E foi aí que eu passei à clandestinidade e não podia ver meus filhos.

Nessa época, na clandestinidade e afastada do movimento estudantil, fiquei trabalhando no Comitê da Guanabara, dando assistência para uma base metalúrgica, a Metal Leve, para a Nova América e para a GE. O partido dizia que na GE tínhamos uma base com 40 militantes... Eram três!

Em junho, estava em São Paulo e ao passar por uma banca de jornal vi meu retrato na primeira página de *O GLOBO*, dizendo que eu era espiã soviética! Se ridículo matasse... Foi então que resolvi sair do Brasil para fazer um curso de dois anos em Moscou. Já que não podia estar com meus filhos, resolvi ir estudar.

AR: E o passaporte....?

MV: Sai com o nome de solteira, porque eu era procurada com o nome de casada.

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti e Érica Sarmiento*

Quem pagou o passaporte e cuidou de tudo foi o Mauricio Segall. Naquela época, era casado com a Beatriz Segall, eles tinham três filhos. O Mauricio Segall depois foi torturadíssimo! É uma bela figura!

ES: Mas,... como é que você fez o passaporte?

MV: Porque o que eu estava dizendo pra Angela... em 1965, eles não tinham controle do país inteiro, do Rio não saíria com meu nome legal, mas de outro estado saí sem problema.

ES: não tinha internet...

MV: Fui de ônibus até Buenos Aires, com a carteira de identidade, e de Buenos Aires, com o passaporte para Paris. Naquela época, os aviões não voavam direto, faziam escala em Dakar. De Paris, pegava o avião da Aeroflot para Moscou. Cheguei a Moscou em julho de 1965. Sem conhecer a língua... Foi no Instituto de Ciências Sociais. Tínhamos aulas de Filosofia, Língua russa, História do Partido Comunista da União Soviética, Teoria e Tática do Movimento Operário Internacional... acho que era isso. Havia cursos de um e dois anos. No de dois anos, era o meu caso, depois de um ano você tinha o que eles chamavam de prática, você passava quinze dias numa das quinze repúblicas soviéticas autônoma. E nós íamos para Tasquenk, capital do Cazaquistão. Mas, pouco antes da viagem, houve um terrível terremoto por lá, a viagem foi suspensa e, à última hora, fomos para a Carélia na fronteira com a Finlândia, nas margens do lago Ladoga. Temperatura média anual zero graus... eu vi um cidadão - nós fomos no verão - suando com 16 graus! Vimos as noites brancas...A língua lá é o carélio, mas a escrita finlandesa. Foi muito interessante essa prática porque as outras eram todas organizadas, era banquete todo dia, almoço, jantar, etc. Na Carélia ninguém estava esperando aquela delegação brasileira e portuguesa chegar lá. Então foi assim: "Vamos comer? Vamos" cada um paga a sua. Tudo sem maquiagem, autêntico o conhecimento daquela região que vive de pesca e da madeira principalmente. Houve episódios engraçados... Estávamos no hotel - dizíamos que éramos cubanos. O chefe da delegação era o Kukusquin, que escreveu um livro sobre a História do Movimento Operário Brasileiro, bastante copiado de vários autores nossos. Mas um dia chegou ele nervoso: "Temos que ir embora, temos que ir embora, vai chegar uma delegação mexicana." E evidentemente que os mexicanos iam perceber que ali não tinha ninguém de fala espanhola.

ES: (risos)

MV: Aí saímos, passamos dois dias numa aldeiazinha que tinha lá perto e depois voltamos para a Carélia. Eu fiz 30 anos numa cidadezinha perto de Moscou, numa semana de férias - um frio de rachar, no final de janeiro. Os russos queriam comemorar, não se tinha vela para bolo e então foram a uma igreja e pediram uma

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti e Érica Sarmiento*

vela ao padre... que deu, foi muito gentil!... Voltei então para o Brasil, no início de setembro de 1967.

AR: Deixa eu fazer uma pergunta sobre esse período que você ficou lá? Onde era a moradia? Como vocês se sustentavam?

MV: Recebíamos uma quantia, estipêndia, de 180 rublos por mês. Dava justo para alimentação, o pagamento das roupas e sobrava quase nada. Para os padrões salariais de lá, recebíamos muito, mas pagávamos bem mais da metade na comida. As roupas de inverno, casacos, botas, roupa interior comprávamos ao chegar e pagávamos a prestação, descontado da estipêndia. Dava justo!

Moramos na “obchegítie” num prédio na rua Pichânaia. E as aulas ficavam noutro prédio, que também tinha quartos para moradia (da segunda vez fiquei lá) e era onde tínhamos as aulas e havia um grande restaurante. Ficavam a uns 800 metros, mais ou menos, de distância. A vida nossa era muito reclusa, porque nesse instituto estudavam só os estrangeiros de países capitalistas. Você tinha outro instituto, onde ficavam os de países socialistas. A Patrice Lumumba era outra coisa. A Patrice Lumumba era uma escola legal, a nossa não, a nossa era uma escola de partido, clandestina.

AR: Mas por que você chama de clandestino?

MV: Porque era uma escola para membros do partido de países capitalistas. O pessoal da Europa que estudava lá era legal, com exceção da Espanha e de Portugal. E, da América Latina, éramos todos clandestinos, usávamos outros nomes, procurava-se não ser identificado.

AR: Ah, sim!

MV: Alguns não eram clandestinos, italianos estavam lá, franceses estavam lá —eram poucos —; italianos eram uma delegação maior, belgas. Eram dois belgas, Marie Claude e Eric. Ela causou escândalo porque usava sempre calça comprida primeira coisa, porque as russas não usavam calça comprida nesse período e principalmente porque o fechoclair era na frente...Uma vez, fomos ao Bolshoi e, quando a tradutora veio me pegar, eu não estava... não era só uma a calça comprida, eu estava com umas três calças compridas... Parecia um repolho.

AR: Sei...

MV: Ela disse assim: “Desse jeito você não vai”, e eu: “Então não vou”... Acabei indo quando ela disse: “Vão ver mesmo que você é estrangeira...”. Porque as russas andavam elegantírrimas, bota, meia de seda e casaco de pele e na cabeça um gorro de peles, lindo! Aquele que baixa na orelha a chápka, é para homem, mas, é claro, era o que eu usava...

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti e Érica Sarmiento*

ENTREVISTADORAS: (risos)

MV: Até vinte e dois graus negativos, eu suportava bem, se não estivesse ventando. Os agasalhos são adequados, suporta mesmo. Havia um grande termômetro na portaria e quando saíamos, por exemplo, alguém perguntava: Quanto está? Ah, hoje está quente, menos 12... eram doze abaixo de zero. Agora, abaixo de vinte e cinco é insuportável, eu não saía de casa. Quando venta, o vento aparece que é *gilete* cortando seu rosto. Moscou é uma imensa planície e o vento do Polo pega forte! Uma vez alguém foi a Moscou no inverno e voltou dizendo: “Lá todo mundo anda correndo de cabeça baixa”... Vai passear, com vento, a 22 graus abaixo de zero... E era horrível quem usava óculos, você entrava no metrô, tinha que tirar os óculos imediatamente porque ele embaçava na hora. Mas, no mais, dentro de casa, tudo aquecido, a 23 graus, o que é mais quente do que aqui, o clima lá é muito seco. Nós pagávamos, para você ter uma ideia, nós pagávamos, depois quando eu fui morar em apartamento, dois rubros que incluíam aquecimento, rádio interno, gás e luz, e mais dois pelo telefone.

AR: E você mantinha contato com o Brasil nessa época?

MV: Só por carta. Tínhamos amigos na França, eu escrevia para França e na França eles encaminhavam para o Brasil. Da vida soviética, praticamente não conheci nada, por causa da língua. Não havia nenhum obstáculo para sairmos e ir onde quiséssemos, mas a língua... quando você começa a falar a língua, já está na hora de ir embora. Falávamos bem na stalôvaia, onde comíamos, na policlínica (em russo é assim mesmo, policlínica). Para conversar com as “mamas”, umas senhoras aposentadas, fofoqueiras, que arrumavam os quartos, faziam a limpeza... mal e porcamente... Com os de outra nacionalidade falávamos em francês, italiano ou espanhol. Os árabes eram aqueles com quem nos dávamos mais, especialmente os Libaneses. Como nós, ninguém falava russo.

ES: Uhum!

MV: E os professores, com os quais a gente queria falar russo, queriam falar espanhol ou português, porque queriam treinar o espanhol e o português deles. Então era muito recluso. Andávamos por Moscou, pela Praça Vermelha... a Catedral de Saint Basílio é uma das coisas mais bonitas que eu já vi; é belíssima! Não gostava do local onde havia uma exposição permanente, eu achava horrorosa a praça, uma praça enorme, um parque com umas estátuas horrorosas das 15 repúblicas que compunham a URSS, uma “arte” que acho medonha.

Linda é a cidade de Zagóski (quer dizer, fora da cidade), onde está a sede da Igreja ortodoxa russa, o Vaticano de lá, fica a quarenta quilômetros de Moscou. As igrejas são maravilhosas com aqueles ícones todos lindíssimos! Para entrar na praça central,

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti e Érica Sarmiento*

passa-se por um grande túnel, cheio de ícones de um lado e de outro e cada velhinha chegava e se benzia diante de cada um. Nos benzemos colocando a mão na testa, no peito, lado esquerdo e lado direito. Os ortodoxos tocam primeiro o lado direito e depois o esquerdo. Íamos bastante ao Bolshoi, assistíamos a belos espetáculos de um teatro jovem: a Taganka. Eles levaram um espetáculo, “Os dez dias que abalaram o mundo”, vários episódios. Um deles era um grupo de bêbados cantando uma música genial, de críticas ao Estado. Eu fiquei encantada com a peça e os três bêbados cantando era de rolar de rir é e eu pedi um professor nosso, o Oleg Tsúkânov, que era professor de economia, um professor brilhante, jovem ainda, e falava um português de Portugal perfeito - aliás o russo é quem pronuncia melhor o português e vice e versa, os portugueses e o brasileiro são os que pronunciam melhor o russo. Eles têm os nossos sons, nós só não temos um ou dois sons que eles têm... Bem, eu pedi ao Oleg a letra da música e ele não quis me dar, disse que a música era anarquista. Depois virou antissoviético, incrível! No circo de Moscou, vi a coisa mais engraçada que eu já vi na minha vida, um jogo de hóquei entre palhaços e ursos, impressionante. Mas foi uma vida muito fechada, saindo muito, mas sempre em excursão, você podia sair sozinha, íamos sozinhos na padaria que tinha lá perto e tinha uns pães maravilhosas, íamos visitar algumas igrejas, ao centro da cidade, íamos ao GUM que era o grande magazine, mas você ficava muito restrito. Como é que você vai se comunicar? Íamos muito a casa dos professores, mas a maioria eram espanhóis exilados, uma boa parte dos professores, outros eram russos que falavam espanhol.

AR: Então a barreira era a língua?

MV: A barreira era a língua.

AR: A única barreira era a língua?

MV: Era a língua. A outra era a restrição a estrangeiros que não podiam, sem licença, afastar-se mais de 40 km. de Moscou. Foi um revide ao que outros países exigiam dos russos. Eu não podia de repente resolver: “Vou para Leningrado”. Tinha essa restrição de quarenta quilômetros, mas que se resolvia isso com alguma facilidade. Nesse período, só saí de Moscou para ir aquela viagem à Carélia e a Zagórski, porque nós fomos de férias, por um mês a Paris. Fomos de trem, dois dias de trem, você sai de Moscou, passa pela Polônia, na fronteira, em Brest. Aí o trem para tendo que mudar a bitola, a bitola da União Soviética era diferente. Depois seguia para a Polônia, atravessava a Alemanha, Bélgica e descia a França até Paris. Quem não leva matalotagem, como nós, se dá mal. A partir da Polônia só seguem para a França dois vagões, sem restaurante... Restaurante só quando entra na Bélgica. A única coisa que você tinha no trem era água fervendo para chá.

AR: Deixa-me perguntar, e a questão da alimentação...?

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti e Érica Sarmiento*

MV: Um terror...

AR: ...essas questões culturais?

MV: ... um terror. O que eu gostava era de iogurte, vários tipos, deliciosos; de bom, eles tinham tudo que é de leite que você possa imaginar. Não tomo leite e os queijos não eram essas coisas. O café era bom, o pão também era bom, mas a comida... sopas como *borche*, sopa de leite fria com arroz, sopa de repolho, de peixe,... Só aos domingos tinha galinha frita, galinha assada, essa era boa. De um modo geral, eles tinham um arroz muito do ruim, é bom para fazer regime, feijão não existia, verduras no inverno uma raridade, só pepino e repolho, e fruta só muita maçã, que eu não gosto. Foi muito bom para fazer regime... O que eu comia era carne, ragu, que eles misturavam tudo, de músculo a filet mignon, o *chachilik*, era aquele espetinho de carne, cogumelos, excelentes...

ES: E batata.

MV: E batata! Repolho, pepino e batata. Então uma maravilha pra fazer regime. Mas o que mais me incomodava em Moscou era a planície. Nenhuma montanha, nem um morrinho... No Rio, você está sempre amparada pelas montanhas...tem o mar de um lado e as montanhas, qualquer lado que você olhe. Moscou é uma planície, você não vê uma elevação, é uma imensa planície, isso me dava muita agonia. E o frio. No início foi uma maravilha, nunca tinha visto neve na vida, a neve... Mas a primeira neve cai em meados de outubro, cai uma nevasca, as árvores acabam de perder as folhas e para; depois começava a cair mesmo só em novembro e vai até maio! Na parada de 1º de Maio, sempre estava nevando.

MV: Era como se eu estivesse noutro planeta, literalmente noutro planeta. A maioria de nossos professores era de espanhóis, quase todos chegados lá crianças, na época da Guerra Civil espanhola. Não era o caso do Ramon. Fomos uma vez à casa da nossa professora de “pekos” (História do PCUS). Nós a chamávamos “a velhinha do ‘pekos’”, que naquela época devia ter entre em 65 a 67 anos... Ainda havia gente que dividia apartamento, duas ou três famílias num apartamento. Em 1975, quando voltei lá, não tinha mais isso. É engraçado porque eles chamavam os que moravam no mesmo apartamento de vizinho (*sociêda*). Eles falam “meu vizinho” e eu ficava pensando que era vizinho do apartamento do lado. Eles têm, por exemplo, três quartos, cada família mora num quarto. Eles tinham uma coisa que eu acho correto. Construíam num ritmo incrível, para que todos tivessem moradia decente, mas enquanto isso a preferência era para famílias maiores, com crianças. Então se você tem cinco filhos, você está na frente. Quem era solteiro, um cômodo só. E nós fomos à casa dessa senhora que morava ainda, ela e o marido, num cômodo em apartamento coletivo. O marido dela era professor de História e tinha uma biblioteca incrível!... E... não, foi a velhinha do “pekos”, era uma faxineira, o marido dela era

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti e Érica Sarmiento*

professor de História. Porque muitas mulheres, quando se aposentavam e não queriam parar de trabalhar, iam fazer faxina, iam trabalhar desse jeito. Nós ficamos impressionados. E quando se saía de férias no Mar Negro, por exemplo, tanto ia... havia um casal muito nosso amigo, de brasileiros, que estava exilado lá: ela era bioquímica, Olga, e ele biofísico, e ele Sebastião Henrique Baeta. Ele era catedrático da Escola Paulista de Medicina e ela uma das diretoras do Butantã. Eles foram presos, perseguidos nos primeiros dias de abril de 64, eles eram do Partido, mas não tinham praticamente atividade nenhuma... Foram a casa deles roubar. Roubaram quadros, a casa deles era construída pelo Vilanova Artigas, o que roubaram de livros, de livros de arte... eles foram convidados para uns dez países no mundo, para Irlanda, para Inglaterra, para França. Eles resolveram ir para Moscou, ficaram lá. Então, na época de férias, eles que tinham os salários mais altos (os salários mais altos eram dos *professors* (professores titulares), os *dóctors* (professores com doutorado) e dos generais), ele era *professor* e ela *dóctor*. Eles pagavam integralmente a estada deles no balneário e a faxineira ia de graça. Era bem feito isso. Economicamente, era socialismo mesmo. Do ponto de vista, vamos dizer assim, político, humano, não, porque a participação política da população foi castrada. Mas, do ponto de vista econômico, era.

Uma vez, eu fui comprar um remédio, um antibiótico, e dei uma nota de 10 rublos, a mulher quase me botou para fora da farmácia: “tá pensando o quê, que eu vou ter troco pra isso?”... Porque custava 20 *kopeks*, 30 *kopeks*... muito barato. Quanto aos médicos lá, a experiência que eu tive foi muito ruim. Nossa policlínica era ligada ao comitê central, deviam ir para lá por pistolão político; dentista então, nem se fala. Dizíamos que a dentista devia ser amante do Bresnev... Era uma coisa assim... absurda. Eu uma vez tive uma íngua. Isso parece piada... aí eu fui à clínica geral e ela disse: “íngua, vai lá na ginecologista”. Eu cheguei na ginecologista e ela disse: “íngua”, “vai não sei aonde”... Eu corri uns quatro médicos, até que alguém me disse: “isso é cansaço, descansa um pouco, bota uma compressa que fica boa”. Eram muito ruins, muito ruins.

Da segunda vez, tive endometriose, que só se confirma se fizer biópsia, não tem outro jeito de descobrir. Eu cheguei lá, fui falar com a ginecologista, ela não deu a mínima. Depois mandou fazer aplicação de iodo, mandou fazer não sei o quê. Como não passava, mandou fazer uma biópsia. Eu fiz uma biópsia e disseram que não eram nada. Como continuaram os sintomas, fiz um escândalo e eles trouxeram um *doctor*, esse, excelente! Quando me atendeu, ele deu uma bronca na médica como eu nunca vi, essa deu para entender. Ele mandou pedir o resultado da biópsia que eu tinha feito e disseram que tinham perdido... que eu já tinha saído do Instituto, que eu já morava com o Ramón, então eles tinham jogado fora... Mentira, depois confirmamos que era mentira, estavam com vergonha de mostrar que não tinham

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti e Érica Sarmiento*

feito o diagnóstico certo. Eu já tinha alguma intimidade com uma clínica geral e falei isso com ela: “Por que que acontece isso? A maioria dos médicos são mulheres e, em caso um pouquinho mais complicado, tem que chamar um doctos?!”. Ela disse: “Sabe por quê? Porque eles ficam estudando o tempo todo. Eu trabalho oito horas aqui, eu saio daqui cinco horas da tarde, vou buscar meu filho na escola, vou lavar roupa, vou mandar roupa para a lavanderia, eu vou fazer isso, vou fazer aquilo, pensa que eu tenho tempo para sentar para estudar? Nenhum. Agora eles tão estudando lá o tempo todo”. Foi... e era verdade. Isso acontecia. Agora, as médicas de policlínica normal, da cidade, dizem que eram boas. Eu acho que lá no Instituto botavam apaniguados do partido, porque os que eu conheci cada um pior do que o outro.

AR: E você voltou para o Brasil, depois desses dois anos lá.

MV: Voltei para o Brasil em 67, setembro de 67. Fiquei 1968 até novembro de 1974.

AR: Conseguiu entrar normalmente?

MV: Entrei normal... não...; normal, modo de dizer. Eu entrei com meu nome, passamos a fronteira, daí de ônibus até Resende e uns amigos foram nos buscar em Resende e viemos de carro para o Rio.

AR: Então você foi pra Argentina.

MV: Para Argentina, Buenos Aires; de lá entramos de ônibus, fomos até São Paulo de ônibus. Em São Paulo de ônibus até Resende e entramos de carro no Rio. E aí eu já podia ir todo dia a casa da minha mãe. Antes do AI-5, que nós chamávamos da “época do refrigerio”. Havia perseguição e tal, mas eu ia a casa da minha mãe todo dia, encontrar com as crianças. Quando veio o AI-5 é que aí a barra pesou mesmo, tivemos que desaparecer. Foi organizado um grupo para assessorar o comitê central, escrever documentos, essas coisas. Depois de setembro de 1969, depois do sequestro do embaixador americano, depois o sequestro do embaixador alemão.... aí a barra ficou pesada. Eu morava na rua da residência do embaixador alemão, há poucos metros de onde ele foi sequestrado. Um apartamento mínimo, de quarto e sala, mas tinha uma vista divina, para toda a Baía de Guanabara. A garagem que nós alugávamos era a mesma usada por pessoas ligadas ao embaixador. Fiquei três dias sem sair de casa, porque a rua ficou interditada e tal. E aí não dava jeito, sair para ver as crianças era uma operação. Tinha que pegar alguém que sáisse com eles e fosse para outro lugar... e para mais outro lugar. Mas era difícil. Encontrar com eles era toda uma operação para não ser seguida, porque meus filhos eram uma referência que eles tinham para me encontrar.

No final de 1970, nós estávamos querendo ter documento bom... o que chamávamos de um documento tirado a partir de outro legal. Frio era o fabricado por nós, falsificado. Então resolvemos conseguir documentos quentes. Um companheiro

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti e Érica Sarmiento*

do partido, o Acácio, conseguiu duas certidões, uma para mim – Maria Celina Sabóia Gomes – e outro para o Sales, com quem eu era casada, Vicente Cervásio. E nos garantiu que eram pessoas que tinham morrido ainda bebês, há muito tempo, não tinha a menor chance de se descobrir. Tudo bem, para nós nos legalizarmos totalmente. Para tirar todos os documentos, o Sales precisava ter certificado de serviço militar. Pois ainda se meteu num quartel ali da Bartolomeu Mitre e o capitão queria que ele ficasse, ele tinha feito o ITA, o capitão ficou encantado. Para ele ter dispensa do serviço militar, ele precisava ser arrimo de família ou ser casado. Então resolvemos, vamos casar. Naquela época, não sei se ainda hoje, podia casar na Igreja e depois a Igreja fazia correr os proclamas e ia-se lá buscar a certidão civil. Então, sem problema nenhum, vamos casar. Claro que não podíamos nos apresentar na rua Dom Manuel. É até hoje uma coisa que ainda me pesa na consciência... Para casar na Igreja, precisava de certidão de batismo, que nenhum de nós tinha, tínhamos que nos batizar. E para justificar que íamos casar na Igreja, apenas com as testemunhas, eu disse que estava grávida e que só queria que a família soubesse depois do casamento. E para batizar tinha que ter aulas de catecismo., A professora era dona Luizinha, nunca me esqueço, um amor de senhora, super gentil – daí o peso na consciência de ter mentido para ela. Fico com muito sentimento de culpa em relação a ela, que me tratava com o maior carinho. E, no dia do casamento, tomamos todos os sacramentos, só faltou a extrema-unção, que passou perto. Foi na Igreja de Nossa Senhora da Paz...

ES: Mas você estava com a certidão de Maria Sabóia?

MV: Maria Celina Sabóia Gomes. Precisávamos dar um endereço de moradia, conversei com Leandro, Leandro nessa época já “tava” separado da minha irmã, morava com a mãe, dona Yonne, ali na rua Jangadeiros, Jangadeiros 14: “Posso dar o endereço de vocês para Igreja?”... “Pode”, Leandro disse, “Sem problema nenhum, pode dar o endereço”. Os nossos padrinhos foram Carlos Nelson Coutinho, a mulher dele, Amélia Maia e meu irmão. Batizei, crismei, confessei, comunguei, casei.

ES: Mas isso em quanto tempo durou tudo isso?

MV: Foi um dia só.

ES: Não, mas quanto tempo o convívio com a Dona Luizinha?

MV: Quinze dias de estudos de catecismo. Dona Luizinha... Se eu pudesse pedir desculpas a ela, eu pediria. Mesmo por uma necessidade que poderia ser de vida ou morte, é horrível enganar alguém.

ES: Foi muito rápido. Eu levei anos fazendo catecismo, crisma.

MV: Aí... casamos; e agora, daqui a um mês, disseram, vocês vêm buscar a certidão.

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti* e *Érica Sarmiento*

AR: Com um mês...

MV: Daqui a um mês, para certidão do casamento civil, da qual a Igreja se encarregava, tem que correr os proclamas. Tenho um bom anjo da guarda porque, passado um mês, eu ia pegar a certidão, mas chovia muito e deixei para depois. Então, nesse período já passado um mês do casamento, eu ligo pra casa da minha mãe, “E aí, tá tudo bem?”... “Tá tudo bem nada, sua irmã desapareceu. Sua irmã saiu ontem para ir à casa de Leandro, e não voltou até agora, será que ela dormiu lá?”. Eu disse: “Mãe, aí tem alguma coisa séria”. Que que aconteceu? Leandro foi preso, Dona Yonne foi presa, minha irmã foi presa, a namorada do Leandro foi presa. E aí, como é que eles foram presos? Por quê? Eu não atinava. Meu irmão, Carlos Nelson e Amélia estavam bem, não podia ser do casamento do qual, aliás, só nós seis sabíamos, porque contei ao Leandro porque precisava do endereço. Como é que o endereço do Leandro caiu? Aí, uma perseguição em cima de nós brutal. Saímos do Rio, fomos para São Paulo.

AR: Sem a certidão?

MV: Claro que sem a certidão. Imagina... Sem coisa nenhuma

AR: Depois disso tudo.

MV: O Leandro foi preso junto com o Vicente Cervásio, coitado, que não tinha a menor ideia de porque o prendiam! Fomos pra casa de uma prima do Sales em São Paulo. E, nesta ocasião, eu estava lendo o livro do Hélio Silva *1938, Terrorismo em Campo Verde*. Estou lá lendo de madrugada, lendo... De repente, eu vejo lá mencionado Stanley Gomes, irmão do brigadeiro Eduardo Gomes. Eu disse: “É o meu pai! Porque na minha certidão, Maria Celina Sabóia Gomes, filha de Stanley Gomes”. No dia seguinte cedinho, fui telefonar para o Rio, para falar com Anita, porque a família do Prestes fora muito amiga da família do brigadeiro. Eu digo “Anita, como é o nome da mãe do brigadeiro e do irmão dele?” “Fulana de tal”. A certidão que Acássio me dera era da neta do brigadeiro Eduardo Gomes. “Maria Celina Sabóia Gomes, filha de Stanley Gomes”. Stanley Gomes é irmão do brigadeiro Eduardo Gomes. E o Vicente Cervásio existia também! O brigadeiro Eduardo Gomes tinha o hábito todo dia acordar cinco horas da manhã, pegar o Diário Oficial e ler de fio a pavio. Aí ele vai lá nos proclamas... lia tudo...e vê: Maria Celina Sabóia Gomes... disse... “Engraçado o nome da minha sobrinha”.

ES: Que faleceu...

MV: Que faleceu... Estava vivíssima!

AR: A menininha...

ES: ...que faleceu criança.

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti e Érica Sarmiento*

MV: Mentira! Estavam todos vivos!

AR: Ah... deram uma certidão de gente que estava viva.

ES: E logo a neta de quem... Não era uma pessoa qualquer.

MV: Sobrinha do brigadeiro. “Minha sobrinha”... No início ele disse “Engraçado, o mesmo nome da minha sobrinha”. Aí foi ver o do pai, o nome da mãe, o nome dos avós, ligou para polícia na hora. E a polícia se comunicou com a Igreja e o endereço que tinham era o do Leandro. Eles foram todos presos... Minha irmã, que tinha chegado da Itália, a namorada do Leandro... e dona Yonne Ioni foi quem ficou mais tempo presa, porque a polícia resolveu que o dr. Valério Konder, marido dela, que tinha morrido em 1968, não tinha morrido, estava escondido e queriam saber onde...

ES: Eles fizeram alguma coisa com eles? Bateram neles?

MV: Só Leandro foi torturado. E o Leandro nem sabia direito a história do casamento, que ninguém sabia... Mas Leandro levou muito choque elétrico, também não falou nada sobre isso.

AR: E o tal do Vi... como era o nome do homem? Também era vivo?

MV: E o Vicente Cervásio foi preso junto com o Leandro. E o Leandro conta que... a polícia pegou o Leandro, pegou o Vicente Cervásio... e o rapaz dizia assim “Eu não estou entendendo, eu nunca fiz nada, será que foi quando eu fui do grêmio no ginásio? Mas não fiz nada!”. Até hoje eu acho que o Vicente Cervásio não sabe porque que ele foi preso.

AR: Aí você foi pra São Paulo.

MV: Eu fiquei em São Paulo. Nós passávamos 15 dias em São Paulo, 15 dias no Rio. Foi o ano do casamento, em 1970, foi barra pesada. Depois, prenderam meu irmão, queriam saber onde nós estávamos. Foram à casa da minha mãe, lá onde ela morava com as crianças e aí chegaram lá na Rainha Guilhermina e o meu filho até passou pela perna da polícia e foi correndo avisar o pai que morava perto. Estavam os três com minha mãe ainda. Eles levaram a minha mãe pra PE e meu irmão foi acompanhando minha mãe, não deixou ela ir sozinha. Eles ainda esperaram minha tia chegar lá pra ficar com as crianças. Quando chegaram lá... Tem cenas que se não fossem trágicas seriam cômicas, porque a minha mãe... Até Leandro ser preso e ela saber que Leandro foi torturado, ela não acreditava, não aceitava que o Exército tivesse torturando. Porque meu pai era militar, o Ventura, que foi Comandante da PE, padrinho do meu irmão... Então, para ela, era inconcebível, ela não podia imaginar que um oficial do Exército torturasse ou permitisse a tortura – para mim também, que passei toda a infância e adolescência em volta da vida militar. A primeira coisa minha mãe fez quando chegou lá foi dizer para o oficial que a recebeu:

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti e Érica Sarmiento*

“Na época do meu marido, ninguém escondia nome”... Que eles usavam uma plaquinha com o nome virado para dentro. Queriam saber do Sales e diziam que comigo era só formalidade.... A conversa era assim para meu irmão e para ela.

Meu irmão sumiu lá na PE. Prenderam meu irmão. Minha mãe, depois, deixaram-na sair; meu irmão não. E para ela diziam assim: “A gente não quer nada com a sua filha, com sua filha, a gente só quer fazer umas perguntas a ela e ela sai na mesma hora. A gente quer o Sales”. E minha mãe, era uma pessoa maravilhosa e ingênua, dizia para o oficial: “Vocês precisavam conhecê-lo, uma excelente pessoa!...”. Foi muito engraçado, eles acabaram mandando minha mãe embora e meu irmão ficou. Meu irmão realmente não sabia como me encontrar, era verdade. O Leandro sabia, mas não falou nada. O meu irmão, ele disse o seguinte: “Eu não sei como encontrá-la, ela me liga toda segunda-feira”. Era verdade, toda segunda-feira eu ligava. “O que eu posso fazer é esperar que ela me ligue e marcar um encontro com ela, mais daqui não posso fazer”. Eles aceitaram. Ele saiu de lá, e se meteu na Embaixada do Chile. E... uma figura interessante foi o Ibrahim Sued. O Ibrahim Sued... ele, ainda se teria que pesquisar... Sabe que ele ajudou muita gente? A ditadura proibira que se dissesse quem tinha sido preso, exilado etc.... Pois ele deu, no programa que tinha na TV, a primeira notícia que ele deu “Exilou-se na Embaixada do Chile Pedro Marcos Vianna, e tal”. Antes disso, minha mãe já sabia. E aí ele ficou na Embaixada do Chile e saiu no início de janeiro de 1971. Eles fizeram questão de separar os que saíam para o Chile como os exilados oficiais - meu irmão e duas médicas do Recife que tinham denunciado a tortura – que foram num avião e os banidos em outro. Foram dois aviões, um com os banidos, os quarenta banidos que foram para o Chile, e outro com os exilados oficiais.

ES: Pode reforçar a diferença entre essas duas “categorias”?

MV: A diferença é que as médicas e meu irmão não estavam saindo como banidos, eram exilados.

AR: Banidos, no caso, eram aqueles que estavam envolvidos mesmo na luta armada?

MV: Aqueles que estavam presos; presos políticos decorrentes na luta armada. Saiu o Gregório Bezerra, dessa vez e o Apolônio de Carvalho em outra ocasião. Eles iam para outros países e ficavam livres; os países os tinham aceitados como exilados. Eles foram todos para o Chile. De lá, alguns foram pra Argélia, outros pra...

AR: Foram acordos, né?

MV: Foram. Meu irmão ficou no Chile. Tem... No caso dos banidos, foram feitas as trocas. Pelo embaixador. Foi na troca.

ES: Mas esses foram os que já estavam presos, não é?

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti e Érica Sarmiento*

MV: Já estavam presos, alguns muito torturados. Aquela moça Maria Augusta estava em cadeira de rodas. Os primeiros foram os quinze trocados pelo embaixador americano, em setembro de 1969, dia 4 de setembro. Dia 14 decretaram a pena de morte. Depois foi o embaixador alemão, dia 11 de junho de 1970 – foram libertados 45, e depois, que foi um suspense, quando do sequestro do embaixador suíço, a 7 de dezembro de 1970, fizeram aquela série, “Anos de Chumbo”. É sobre o sequestro desse embaixador suíço. Dessa vez saíram 70, e parte dos militares não queria deixar sair, queria matar a todos, foi um grande suspense. O suíço foi preso na rua que eu morei também, na Conde de Baependi, que liga Laranjeiras ao Largo do Machado. Tem a Casa da Suíça... Então, essa época foi muito pesada, e nós... Aí nem pensar em estar com as crianças, só assim uma vez ou outra. Já estavam grandes, em 1974, Tanya tinha 17, Marcus 16 e Gisela 14. Na época mais pesada eu via meus filhos em casa de Luiza Konder Almeida Braga, irmã do Leandro. Muita coragem dela, a época era terrível e ela já tinha sido detida uma vez. Uma belíssima figura, em todos os sentidos e além da amizade que sempre lhe tive sou-lhe eternamente grata.

Nós ficávamos quinze dias no Rio, quinze dias em São Paulo. Em São Paulo, morávamos num sobradinho em Santo Amaro. Eram cinco sobradinhos assim. Um dia, bateu lá em casa, nós morávamos no primeiro... tinha uma casa da esquina que eu tenho a impressão que o casal desconfiava de alguma coisa, mas gostavam muito do Sales, porque o garoto, filho deles, gostava do Sales. Aí passava um, que eu não lembro quem morava do lado, no terceiro, morava um cara da OBAN²¹. Um dia, ele bateu lá em casa, disse que para fazer uma visita de boa vizinhança. Todos os meus livros estavam na parte de cima. Ele bateu lá em casa: “Sou seu vizinho”. Eu digo “Faça o favor de entrar”. Tomou café, conversamos, a sala era bem direitinha. E era assim, aqui estão os cinco sobradinhos, em cima, tinham dois quartos, um dava para rua, o outro dava para os fundos. Nos fundos, tinha um quintal... cada sobradinho tinha um grande quintal. Grande não muito, mas um quintal assim mais ou menos como essa sala. E, depois, o quarto de empregada, que era bem grande também. Então os quintais todos se comunicavam, não se comunicavam diretamente porque tinha um murinho, mas dá na mesma.

AR: OBAN....

MV: Operação Bandeirante; era o terror em São Paulo!!.

AR: Você nessa época não era mais Maria Celina.

MV: Eu nunca fui Maria Celina.

AR: Eu sei, mas...

ES: Não deu tempo de ser....

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti* e *Érica Sarmiento*

MV: Meu “nome de guerra” era Sônia Gomes. Em início de 1974, 21 de março, houve o episódio dos membros do Comitê Central que foram seguidos e depois, em setembro, o do arquivo do Astrojildo Pereira, mas não vou falar sobre isso que está contado no livro *Luta e Memória*. Depois de transferido o arquivo para o Rio, tinha que entregar a casa de São Paulo e tive uma sorte extraordinária. Eu estava pensando que teria que pagar multa por sair antes do contrato acabar, mas recebi um chamado da imobiliária que o proprietário estava querendo a casa...: “Em quanto tempo a senhora pode dar a casa?”... Eu digo “Dois dias”. Eu já estava de mudança. Aí vim, vim para o Rio, fiquei em casa de uma amiga, e o Salles também já estava no Rio.

Então fomos convocados para fazer um curso de um mês, sobre *O Capital*, em Moscou. Seria o mês de janeiro de 1975. O Salles foi bem antes e eu saí no dia do aniversário do meu filho, 11 de novembro, poucos dias antes das eleições de 1974, que deram uma surra no governo. Ele saiu final de setembro, início de outubro, e foi para Paris e, de lá, para a União Soviética. Fui do Rio de ônibus até Porto Alegre, de lá, fui de ônibus até Montevideú e de avião até Buenos Aires. Apreensiva, porque dessa vez o passaporte era falso e tinha que ficar com a polícia quando se comprava a passagem. Só devolviam ao passar a fronteira. Mas era bem feito o passaporte. Passei pelo Chuí.

AR: Para o Uruguai...

MV: Foi pelo Chuí que a gente passou.

Na fronteira, pararam o ônibus, entrou a polícia... dá aquele frio na barriga...Era uma moça que estava com um menino, uruguaia, estava voltando indo para o Uruguai, esqueceu, perdeu aquele papel de visto, quando você entra, né. Mas foi um susto.

De Montevideú, peguei um avião para Buenos Aires. Eu cheguei a Buenos Aires e havia já muitas ações dos Montoneros. Cheguei a Buenos Aires, fui para o hotel onde o Sales já estava e dormi vinte e quatro horas seguidas! De lá, fomos para Moscou, via Paris. Era para passarmos um mês, tanto que eu me desfiz da casa em São Paulo - do apartamento do Rio não me desfiz -, botei tudo em guarda móvel. Tínhamos alguns móveis bons, uma enorme escrivaninha de jacarandá, que tinha sido do meu irmão... geladeira, televisão, enfim... Não tenho ideia de que fim levaram. Tínhamos uma amiga em São Paulo, uma enfermeira, Neusa Zanqueta, ela que nos ajudava, ela que deu o guarda móvel, mas ela morreu.

AR: E Você perdeu tudo?

MV: Perdi tudo. Nem, nem fui atrás, não fazia sentido. Só não perdi os livros. Do apartamento do Rio, a família do Sales desfez. Ficaram com todos os livros de arte. Os outros livros comuns devolveram, uns então ficaram com a família do Salles, que depois recuperei, e outros com o Braz Araújo, em São Paulo, que ele depois também

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti e Érica Sarmiento*

devolveu – menos os sobre o fascismo que a mulher, de quem ele tinha se separado, não quis devolver.

AR: Então, você foi de novo para Moscou?

MV: Para Moscou, para fazer um curso sobre *O Capital*. Fomos um grupo, todo o grupo da assessoria. Fomos eu, Carlos Nelson Coutinho e Amélia, o José Braz Araújo. Ele não tinha um braço, um cara brilhante. Ele voltou, tinha feito mestrado na França, doutorado de terceiro ciclo que consideravam como doutorado aqui. Ele foi pra USP. Ele quem tinha ficado com boa parte dos meus livros, ainda veio para minha casa no Rio, trouxe os livros. Mas, depois, ele foi se ligando mais ao PPS, cortou relações conosco. Acabou se suicidando de maneira trágica. Quem mais que tinha ido? Era para ficarmos só o mês de janeiro, mas quando chegou no final de janeiro, o pessoal começou a voltar, veio ordem, eu e Sales não voltarmos, foi quando eles começaram a dizimar o partido. O Geisel tinha entrado em março, já tinha havido aquela queda da Direção do Partido em abril, que foram os assassinados, e os desaparecidos, uns oito. Depois, em janeiro, em janeiro... janeiro de 1975 eles prenderam o Jayme Miranda, eles prenderam o Marco Antônio Tavares Coelho. Depois de 1975, prenderam o responsável, foram dizimando partido, veio ordem para gente não voltar. Meu amigo Renato Guimarães esteve preso também um bocadinho de tempo, foi muito torturado.

Alguém que estava sendo solto, não sei quem, mandou dizer para nós, em Moscou que o Fleury mandava um recado: “Manda um recado para o Givaldo, para o Sales e pra Marly, para eles, se eles tiverem coragem que eles voltem para o Brasil”. Aí o Givaldo (Pereira de Siqueira) disse assim...: “Se alguém puder mande um recado a Fleury, se ele tiver coragem que ele venha a Moscou”.

Essa segunda vez foi o período que eu fiquei mais tempo fora, do finalzinho de 1974 até a anistia. Os comunistas gostavam de dizer que jamais tinham se exilado, isso para o Partido era uma coisa de importância. O que no fundo não tem muito a ver, depende muito da circunstância. O Prestes já estava em Moscou desde 1971. E quando a situação aqui piorou muito, porque aí que eles foram em cima do partido mesmo, - segundo Marcelo Godoy conta no livro dele *A Casa da Voró*, a ordem do Geisel era que nenhum membro da direção preso ficasse vivo, matar todos -, chegou-se à conclusão que era melhor mandar uma parte da direção para o exterior. Então, lá já estava o Prestes, estava o Melinho, o traidor, o bandido, agora desmascarado, está mais do que provado, comprovado. Cachorro da Polícia desde 1974. A gráfica do Partido caiu por causa dele e muita gente morreu por causa dele.

AR: A quem você está se referindo?

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti e Érica Sarmiento*

MV: Teodósio de Melo, do partido desde 1935. Está vivo, com noventa e nove anos. Confirmou que era...

AR: Agente duplo.

MV: Agente duplo, agente mesmo, né. Então, estava lá em Moscou, já estava o Prestes, o Melo. E, quem mais? O Sales, que era da Direção. O Malina e o Givaldo estavam em Portugal e, depois, foram para a Itália, havia dirigentes também na Tchecoslováquia,

AR: Malina?

MV: Sim. Salomão Malina. Foi muito meu amigo. Depois... Depois, nos afastamos porque ele ficou com o PPS. Voltamos a nos reencontrar no CEDEM, lá na UNESP. E nos encontrávamos e ele... me pediram um necrológio do Malina que eu fiz. Eu gostava muito do Malina. Foi uma das primeiras... O Malina foi aluno da Filosofia. O Malina, ele... Nesse necrológio, eu conto a história. O Malina queria comer no restaurante da... ele era o assistente da base da Filosofia e queria comer no restaurante. Aí um colega disse para ele assim: “Para comer aqui tem fazer concurso e passar”. E o Malina era uma pessoa tranquila e de uma coragem! Ele foi herói de guerra na Segunda Guerra Mundial, era sapador. Aí o Malina não disse nada. Fez concurso e passou, para o curso de Ciências Sociais. E aí tivemos muito mais convivência com ele. Eu gostava muito dele. E enfim, eu fiquei... ficamos lá em Moscou e me separei do Sales em julho de 75.

AR: Como era o nome completo do Salles?

MV: José de Albuquerque Salles. Está lá no livro. Tem uma entrevista dele.

AR: Livro....

MV: Que Maria Ciavatta que organizou. O Elio Gaspari fez um grande artigo no jornal.

AR: Você dizia...

ES: Que se separou do Sales.

AR: Isso.

MV: Aí eu me separei do Sales, e, no final de 1975, é que eu comecei a namorar o Ramon Peña Castro, e ficamos juntos a partir do início de 76. Eu saí do alojamento e fui morar no apartamento com ele. Nesse período. Lá em Moscou.... Eu conheci o Ramon, nessa época.

Nesse período, durante o segundo semestre de 1975, começou-se a planejar uma reunião do Comitê Central (CC) em Moscou para janeiro de 1976. Mais de dez

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti* e *Érica Sarmiento*

membros do Comitê Central tinham sido assassinados ou estavam presos. Aí se resolveu fazer uma reunião com os membros do CC que estavam no exterior, e já eram a maioria, e cooptar – fora do congresso do partido pode-se cooptar até três membros para o CC. Nessa reunião, fomos para o CC Gregório Bezerra, eu e Anita Prestes. Em oposição a ida do Gregório para o CC ficaram Prestes, Agliberto Vieira de Azevedo e acho que mais um, Anita fez campanha contra Gregório ir para o CC. Perderam. Mas por causa disso ocorreu um dos maiores absurdos da história do partido, eu tive mais votos do que Gregório para o CC. Eu, que vinha do movimento estudantil, e ele, o maior líder camponês do país, ativo militante desde 1917, fez 1935, em 1964, foi um dos presos mais torturados. Isso porque eu tive todos os votos, Gregório não teve o de Prestes e mais uns dois e Anita foi quem teve menos votos. Mas entramos os três. E eu fui para Secretariado.

E ficamos lá, fizemos essa reunião em janeiro de 1976, foi em Moscou, 1977 foi na Bulgária, 1978 foi na Hungria, e 1979 foi na Tchecoslováquia, em Praga. Foi aí que eu saí do Partido. Saí do Partido não, pedi para sair da direção do partido. Foi toda uma história muito complicada. E esse bandido do Melinho marcou um encontro comigo. Eu disse: marcou um encontro comigo em Paris, que nunca se realizou, ele furou. Mas antes disso, tínhamos saído de Moscou, em setembro de 1977, - eu ficaria como membro da direção lá fora, quer dizer, em Paris ou em Madrid. Como o Giocondo Dias estava em Paris, tentamos ficar em Madri, onde Ramon tentou conseguir trabalho. Não consegui e fomos a Paris, onde passamos todo o ano de 1978.

AR: Quando você ficou na França...

MV: Todo ano de 1978 e até abril de 1979. No início de 1979 é que teve a tal reunião do Comitê Central, que, por causa de todos os acontecimentos que tinham ocorrido no final de 78, eu pedi para sair. E aí voltamos em abril de 1979, voltamos para Espanha. Chegamos lá na semana santa, estava tudo fechado, Ramon não conseguia nada.... Enfim, esse ano de 1978 eu passei na França, na mais absoluta clandestinidade, eu não sei como é que você, Érica, chama, como é que você classifica isso... Porque eu estava dizendo para Angela, eu, durante todo o período que eu estive fora... no primeiro período estudando em Moscou: “estou estudando aqui por tal tempo e depois vou embora”. Nunca me senti exilada, “estou aqui estudando fora como qualquer pessoa”. Depois, esse período já de 1975 a 1979, fiquei porque não pude voltar, mas totalmente em função do Brasil, repito, nunca me senti exilada, era um parêntese da minha vida, esperando para voltar para o Brasil a qualquer momento. Então, não tinha... Eu era funcionária do Partido. Se eu tivesse, como o caso de muita gente, que procurar um trabalho “civil” e me estabelecer, talvez fosse diferente, você procura se ligar. Eu não, estava lá morando provisoriamente, nunca me senti pertencente a nenhum desses lugares, nem a

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti* e *Érica Sarmiento*

Moscou, nem à França, nem à Espanha. Na França, eu disse à Angela, eu passei um ano lá, jamais me liguei a pessoas ou a organizações na França. Aproveitei para cursar um seminário do Pierre Vilar, na Escola de Altos Estudos, mas era uma coisa quase individual. Em Paris pululavam grupos brasileiros, ainda mais grupos feministas. Tinha o da Danda Prado, tinha não sei quantos grupos na França. Mas eu estava clandestina mesmo, ninguém conhecia minha casa e eu não frequentava lugar nenhum. Eu estava ali, provisoriamente, esperando para voltar ao Brasil a qualquer momento. Não tinha, não... mesmo na Espanha. A gente vivia lá ajudando, fazendo documento... A reunião do Comitê Central de janeiro de 1979, quando eu rompi, todos os documentos foram feitos por mim e pelo Ramon. A única exceção foi o documento de agitação e propaganda, que foi o Armênio Guedes que fez.

E aí, a divisão do Comitê Central já andava forte, em 1978 já havia muitas divergências, com a turma que saiu para o PPS. Se alguém tinha dúvida, se tínhamos razão ou não, está aí, a cara do PPS, apoiando a reforma trabalhista... Dois dos maiores líderes sindicais – operários mesmo, não inventados – o Hércules Correia e o Tenório de Lima, um tecelão e o outro metalúrgico, dos maiores opositores nossos – do Prestes, principalmente -, no CC, um acabou no PFL e o outro apoiando o Jânio em São Paulo.

Quando eu cheguei, em setembro de 1979, foram me esperar no aeroporto o Roberto Freire, o Humberto Jansen e o Marcelo Cerqueira. Está bem agora o Marcelo. Está se recuperando. Enfim, o que mais que vocês querem saber?

ES: Eu acho que acabou bem naquela parte que ela falou: “Não pertencem a lugar nenhum”. Acho que podemos acabar por aí.

Notas e referências

- ¹ Astrojildo Pereira atuou como jornalista, escritor e crítico literário. Militou entre os operários, os anarquistas, os sindicalistas, até se tornar comunista e fundar, em 1922, junto com outros companheiros, o Partido Comunista Brasileiro.
- ² Ao longo de sua vida, Astrojildo Pereira preocupou-se em preservar a memória dos movimentos operário, anarquista, sindical e comunista, reunindo uma preciosa coleção. Depois de sua morte, em 1965, o acervo passou para a guarda do PCB.
- ³ Sobre a história da preservação desse acervo, consultar Maria CIAVATTA. (coord.). *Luta e memória: a preservação da memória do Brasil e o resgate de pessoas e de documentos das garras da ditadura. Depoimentos de Dora Henrique da Costa, Marly Viana e Zuleide Faria de Melo*. Rio de Janeiro: Revan, 2015.
- ⁴ As duas outras companheiras que tiveram a responsabilidade pela guarda do arquivo de Astrojildo Pereira no Rio de Janeiro e sua transferência para Milão, foram, respectivamente, Zuleide Maria de Melo e Dora Henrique da Costa. Conf. CIAVATTA, 2015.

Entrevista

Marly Vianna: uma experiência de luta e clandestinidade além das fronteiras
por *Angela Roberti* e *Érica Sarmiento*

-
- ⁵ Partes ou cópias desse acervo encontram-se, também, no Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ), no IFCS/UFRJ e no Arquivo Edgar Leuenroth (AEL), na UNICAMP.
- ⁶ A entrevista foi realizada em 03/05/2017 e a transcrição foi feita por estagiários do LABIMI: Laura Paiva e Matheus Albuquerque.
- ⁷ Atual UFRJ.
- ⁸ Prof. Ciro Flamarion Cardoso.
- ⁹ Eremildo Luiz Viana foi professor da então FNF; posicionou-se a favor do golpe e denunciou professores da Universidade considerados “subversivos”, antes e depois de 1964. Nota da Editoria.
- ¹⁰ Departamento de Ordem Política e Social.
- ¹¹ Atual Consulado Geral da Itália.
- ¹² Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes.
- ¹³ O Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ foi criado em 1967, agregando o curso de História, entre outros.
- ¹⁴ Prof^a Maria Yeda Linhares.
- ¹⁵ Prof. Francisco Carlos Teixeira da Silva.
- ¹⁶ Universidade Federal de São Carlos.
- ¹⁷ Associação Nacional de História.
- ¹⁸ Refere-se à Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), situada em Niterói (RJ).
- ¹⁹ O quartel do 1º Batalhão da Polícia do Exército, situado à Rua Barão de Mesquita, 425, na Tijuca, bairro da zona norte do Rio de Janeiro, abrigou o DOI-Codi (Destacamento de Operações de Informações do I Exército-Coordenação de Defesa Interna), órgão de inteligência e repressão subordinado ao Exército, responsável por capturar, manter em cárcere ilegal, torturar e assassinar diversos opositores da ditadura.
- ²⁰ Rua do bairro de Botafogo, na zona sul do Rio de Janeiro.
- ²¹ A OBAN - Operação Bandeirantes - foi lançada em São Paulo no ano de 1969. Tratava-se de um organismo misto integrado por oficiais das três forças armadas, além de policiais civis e militares. Em suas atividades articulava interrogatórios, análise de informações, repressão e operações de combate aos opositores da ditadura.

Entrevista realizada na Universidade Salgado de Oliveira
Niterói, maio de 2017